

Frantz Fanon: um leitor da psicanálise

Frantz Fanon: a reader of psychoanalysis

Pedro Ferreira¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Fábio Belo²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Resumo: Este artigo investiga a recepção e o uso da teoria psicanalítica na obra inicial de Frantz Fanon, notadamente sua tese de medicina e o ensaio *Pele negra, máscaras brancas*. Argumenta-se que *Pele negra* aprofunda dois conceitos já presentes na tese: alienação e complexo. Em *Pele negra*, contudo, essas noções são ressignificadas pela concepção fanoniana de sociogenia. Por meio dessa apropriação, Fanon busca fazer da clínica um operador da política e vice-versa

Palavras-chave: Frantz Fanon. psicanálise. sociogênese. alienação. complexo.

ABSTRACT

this article investigates the reception and use of psychoanalytic theory in the early work of Frantz Fanon, notably his medical thesis and the essay *Black Skin, White Masks*. It is argued that *Black Skin* expands upon two concepts already present in his thesis: alienation and complex. In *Black Skin*, however, these notions are re-signified by the Fanonian conception of sociogenesis. Through this appropriation, Fanon seeks to make the clinic an operator of politics, and vice versa.

Keywords: Frantz Fanon. Psychoanalysis. Sociogenesis. Alienation. Complex.

¹ E-mail: pedrodonizeteferreira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0583-7785>.

² E-mail: fabiobelo76@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5803-1745>.



INTRODUÇÃO

Frantz Omar Fanon (1925-1961) delineou seu percurso intelectual a partir da exigência de um estudo multidimensional do ser humano (Fanon, 1951/2020a). Não é fruto do acaso que se evidencia uma disputa em torno das influências e do legado de sua obra (Faustino, 2020). Dentre as diversas correntes teóricas que o psiquiatra utiliza na construção de seu pensamento, a psicanálise não é um consenso entre as comentadoras e os comentadores do autor. Bulhan (1985) afirma que Fanon se considerava um psicanalista em 1952, época de publicação de *Pele negra, máscaras brancas*³. Hall (1996) ratifica que as questões psicanalíticas permeiam toda a obra fanoniana e delas são extraídas ideias sobre o sujeito colonial e seu desejo (Bhabha, 1994). Contudo, tendo em vista a linguagem política como um elemento orientador de seu pensamento, a apropriação da psicanálise ocuparia um lugar alusivo (Sekyi-Otu, 1996), o que justificaria a sua denominação como antifreudiano (Roudinesco & Plon, 1997/1998).

De fato, referências à psicanálise e ao vocabulário psicanalítico podem ser encontradas em momentos diversos da obra de Fanon. Ela aparece em Um caso de doença de Friedreich com *delírio de possessão*⁴ (Fanon, 1951/2020a), *Pele negra* (Fanon, 1952/2020b), nos artigos A “*síndrome norte-africana*” (Fanon, 1952/2021), *Indicações da terapêutica de Bini no quadro das terapêuticas institucionais* (Tosquelles & Fanon, 1953/2020), *Condutas confessionais na África do Norte (2)* (Fanon, 1955/2020c), *Antilhanos e africanos* (Fanon, 1955/2021b), *Racismo e cultura* (Fanon, 1956/2021c), O [Teste de Apercepção Temática] *TAT em mulheres muçulmanas* (Fanon & Geromini, 1956/2020a), *O fenômeno da agitação no meio psiquiátrico* (Fanon & Asselah, 1957/2020), nas reflexões sobre a internação diurna (Fanon, 1959/2020d; Fanon & Geronimi, 1959/2020b), no curso de psicopatologia social do *Institut des Hauts Études de Tunis* [Instituto de Estudos Superiores

³ Doravante *Pele negra*.

⁴ Doravante *tese de exercício ou tese*

de Túnis] (Fanon, 1984 [1959-1960]/2020e), *L'an V de la révolution algérienne* [O ano V da revolução argelina] (Fanon, 1959/2011) e em *Os condenados da terra* (Fanon, 1961/2005). Sendo assim, averiguar o uso que Fanon faz da seara psicanalítica nos parece uma “tendência promissora” (Faustino, 2020, p. 219). Para tanto, debruçar-nos-emos especialmente sobre os textos fanonianos de maior diálogo com a psicanálise: seus primeiros trabalhos, a *tese de exercício* e *Pele negra*.

O objetivo de Fanon era submeter o manuscrito de *Pele negra* como sua tese para o exercício da medicina, denominado *Essai sur la désaliénation du noir* [Ensaio sobre a desalienação do negro] (Khalifa, 2015/2020). Segundo o autor, “ao iniciarmos essa obra [Pele negra], concluída ao final de nossos estudos médicos, pretendíamos defendê-la como tese [de exercício]. E, por fim, a dialética exigiu que assumíssemos posições ainda mais resolutas” (Fanon, 1952/2020b, p. 63). A submissão do manuscrito causou certo alvoroço na *Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie de Lyon* [Faculdade Mista de Medicina e Farmácia de Lyon], pois a problemática dos aspectos psíquicos do racismo não era nada comum (Razanajao & Postel, 1975/2007). Jean Dechaume, neuropsiquiatra de orientação organicista e mentor de Fanon, prontamente recusa seu trabalho. Um assistente de Dechaume sugere um escrito “mais acadêmico e menos tendencioso” (Razanajao & Postel, 1975/2007, p. 149, tradução nossa), justamente sobre a doença de Friedreich com delírio de possessão, título da tese aprovada em 29 de novembro de 1951.

Complementando os trabalhos de Bulhan (1985) e Greedharry (2008), pretendemos entender em que medida o recurso às principais referências psicanalíticas utilizadas por Fanon na *tese de exercício* e em *Pele negra* auxilia na compreensão do uso que o autor faz da teoria psicanalítica. Apesar dele se referir à uma vasta gama de psicanalistas, sobretudo os nomes que marcaram presença na *Revue Française de psychanalyse* [Revista Francesa de psicanálise], como Charles Odier, Marie Bonaparte, Eugène Minkowski e Germaine Guex, retomo aqueles que através das noções de *alienação* e *complexo*, constituem um dos principais núcleos argumentativos de Fanon

nesses textos iniciais. Não almejamos discutir se Fanon era ou não um psicanalista, por se tratar de questionamento infecundo, mas vislumbrar, na esteira de Greedharry (2008) e Rabaka (2010), *como e com quais propósitos* o autor se mune da psicanálise como ferramenta para a “reestruturação do mundo” (Fanon, 1952/2020b, p. 95).

Os textos psicanalíticos aqui trabalhados serão os diretamente citados por Fanon na *tese* e em *Pele negra* ou os que se encontravam em sua biblioteca⁵. Nosso autor faz mais do que uma “problematização a respeito das potencialidades e limites da psicanálise” (Faustino, 2020, p. 37) em relação aos negros antilhanos (e por extensão, aos colonizados). Isso se evidencia pela “necessidade de ir além da dimensão psicoafetiva para compreender os indivíduos e os seus conflitos existenciais em seu contexto histórico e social concreto” (Faustino, 2020, p. 37). Em *Pele negra*, a alienação e o complexo serão radicalmente submetidos a partir do que o autor denomina por “sociogênese” (Fanon, 1952/2020b, p. 25).

Sendo assim, averiguaremos a recepção que Fanon faz de Freud, Adler, Jung e Lacan. Apesar de utilizarem a noção de *complexo*, os psicanalistas Octave Mannoni e a já referida Germaine Guex não serão aqui trabalhados. O primeiro, em virtude do destaque ao *complexo de dependência* (Mannoni, 1950/2022) na estrutura de *Pele negra*, uma vez que Fanon lhe dedica um capítulo à parte, merece uma discussão pormenorizada. Já a segunda, a despeito do uso do *complexo de abandono* (Guex, 1950/2015) para compreender a relação do homem negro com a mulher branca em *Pele negra*, podemos dizer que Fanon o singulariza ao tratar do personagem Jean Veneuse, não o tomando, portanto, como balizador universal dessa relação. Desse modo, começaremos com a *tese de exercício* que, apesar de cronologicamente ser posterior ao manuscrito que se desdobrou em *Pele negra* (Faustino, 2018), foi apresentada formalmente antes do ensaio de 1952.

⁵ Para a lista completa das obras da biblioteca que Fanon compartilhava com sua esposa, Josie Fanon, ver KHALFA, Jean. “La bibliothèque de Frantz Fanon: liste établie, présentée et commentée par Jean Khalifa”. In : KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). *Écrits sur l’aliénation et la liberté*. Œuvres II. Paris: La Découverte, 2015, pp. 585-656.

1. A TESE DO EXERCÍCIO: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO COM A PSICANÁLISE

Fanon (1951/2020a) investiga as relações entre os sintomas dos âmbitos neurológico e psiquiátrico, especificamente “o problema dos distúrbios mentais na heredodegeneração espinocerebelar” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). Conforme a medicina da época, enviesada por soluções causais e mecanicistas, uma alteração cerebral x culminaria numa afecção psiquiátrica y. Assim, “a vertente psíquica dos distúrbios neurológicos deveria (...) ser descrita de forma unívoca” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). Ele percebe que nos casos de heredodegeneração espinocerebelar as alterações psíquicas não seguem um padrão. A partir de um caso de doença de Friedreich, demonstra que entre a neurologia e a psiquiatria há um “polimorfismo absoluto” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). Conforme o autor,

numa época em que neurologistas e psiquiatras se esforçam para delimitar uma ciência pura, isto é, uma neurologia pura e uma psiquiatria pura, seria válido introduzir no debate um grupo de doenças neurológicas que são acompanhadas de distúrbios psíquicos e levantar a questão legítima a respeito da essência desses distúrbios (Fanon, 1951/2020a, p. 299).

Nosso autor revisa a bibliografia dos distúrbios mentais nesse problema neurológico: são 32 estudos entre 1879 e 1949, em francês, alemão, italiano e inglês. Nessa retomada da literatura especializada, o psiquiatra não pretende “descobrir em cada caso um distúrbio psiquiátrico cristalinamente arquitetado (...). Mas mostrar que toda afecção neurológica incide de algum modo sobre a personalidade” (Fanon, 1951/2020a, p. 309). Uma conclusão dessa revisão bibliográfica aponta para um “desinteresse sistemático do neurologista pelo sintoma psiquiátrico” (Fanon, 1951/2020a, p. 309). O principal distúrbio presente foi a debilidade mental, no entanto, sua explicação não é neurológica, mas social, uma vez que “a paralisia decorrente da evolução clínica impede a frequência escolar, acarretando, naturalmente, a impossibilidade de desenvolvimento intelectual” (Fanon, 1951/2020a, p. 310).

Fanon (1951/2020a) encontra-se insatisfeito com algumas abordagens médicas em relação ao distúrbio psíquico, pois elas estão intimamente atreladas à anatomia cerebral. Para ele, “seria necessário pensar em funções e desintegrações. Nossa ótica médica é espacial e deveria se temporalizar cada vez mais” (Fanon, 1951/2020a, p. 311). Uma nova orientação se manifesta a partir de Gelb, Goldstein, Monakow e Morge. Ela “consiste simplesmente em admitir o método genético em matéria de psiquiatria. O corte anatômico é eclipsado pelo plano funcional. O ser humano perde seu caráter mecanicista. Ele já não é movido passivamente, mas se descobre agente” (Fanon, 1951/2020a, p. 315).

Distanciando-se da perspectiva mecanicista, o ser humano deve ser considerado não como um fato, mas sim um mosaico composto por vários deles (Fanon, 1951/2020a). Fanon reconhece nessa concepção multifatorial do humano uma descoberta da psicanálise, que desvelou “essa vertente da personalidade, chamada (...) de inconsciente” (Fanon, 1951/2020a, p. 315). A partir do inconsciente,

as três perspectivas das quais Adler, Jung e Freud examinaram o drama da pessoa enferma, longe de serem limitadoras, indicam uma alternância de motivações primárias. Pois na base de todas as três se encontra esse espasmo da afetividade que é o *complexo*⁶ (Fanon, 1951/2020a, p. 315).

O uso do termo complexo ao longo da obra freudiana é algo confuso (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Em Estudos sobre a histeria ele aparece como um agrupamento de ideais, representações ou associações psíquicas de afetos e memórias (Freud & Breuer, 1896/2016). O complexo se apresenta “como um termo conveniente, e muitas vezes indispensável, na síntese descritiva de fatos psicológicos” (Freud, 1914/2012a, p. 275). Porém, “nenhum dos outros nomes e expressões que a psicanálise necessitou cunhar alcançou tamanha popularidade e teve aplicação tão abusiva, em detrimento de formações conceituais mais precisas” (Freud, 1914/2012a, pp. 275-276). Em Freud há uma certa ressalva à ideia de complexo (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Ele teme uma tipificação que destituiria o caráter singular dos

⁶Destaque do autor.

fenômenos, afastando-se assim dos complexos imprescindíveis tanto na constituição subjetiva (Laplanche & Pontalis, 1967/2001) quanto na psicopatologia (Freud, 1919/2017a; Freud, 1924/2017b): os complexos de Édipo e de castração.

Jung reservou um lugar importante ao complexo em seu pensamento (Perrone, 2008). Retomando o método inaugurado por Francis Galton, a experiência das associações de palavras forneceu um viés empírico para eles (Ellenberger, 1994). O modelo do teste de associações é composto por um aplicador e pelo sujeito que o realiza. O aplicador escolhe entre 50 e 100 palavras aleatórias, sem correlação entre elas mesmas, as denominadas palavras indutoras. Ele enuncia uma palavra por vez, cujo sujeito, por seu turno, deve dizer a primeira coisa que lhe ocorre ao escutá-la. É utilizado um cronômetro para medir o tempo de reação de cada palavra induzida (Jung, 1933/1962). O psiquiatra suíço percebeu que certas palavras induziam um tempo de resposta hesitante. Ao investigar a história desses sujeitos, era possível averiguar com maior precisão as perturbações na cadeia das palavras aleatórias. Essas perturbações nas respostas, portanto, eram fruto do forte investimento afetivo do entrevistado em relação a palavra induzida. Os complexos, o conglomerado afetivo que interfere no curso das palavras, apresentam uma certa autonomia em relação ao Eu, irrompendo à sua revelia (Jung, 1933/1962).

No decorrer da década de 1930, Jung postulou uma teoria dos complexos (Jung, 1934/2013). A ilusão de investigar afetos isolados não poderia mais sustentar-se: os complexos afetivos fazem com que a conversação perca seu “caráter objetivo e sua finalidade própria, (...) [pois] frustram as intenções do interlocutor e podem mesmo colocar em seus lábios outras respostas que ele mais tarde não será capaz de lembrar” (Jung, 1934/2013, p. 42). Isso ocorre já que “o complexo é um fator psíquico que, em termos de energia, possui um valor que às vezes supera o de nossas intenções conscientes” (Jung, 1934/2013, p. 43). O complexo é um fenômeno normal, mas na neurose “ele se instala na superfície da consciência, não sendo mais possível evitá-lo, e progressivamente assimila a consciência do eu”

(Jung, 1934/2013, p. 47). O estatuto do complexo é tamanho em sua obra que ele os considera

as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles (...). A via régia que nos leva ao inconsciente, não são os sonhos, como ele [Freud] pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas (Jung, 1934/2013, p. 49).

Em Adler (1927/1957), há uma ênfase num complexo específico: o de inferioridade. Do seu trabalho com o público infanto-juvenil, notou que

as crianças que vieram ao mundo com inferioridade orgânica (...) em vez de se interessarem pela sua adaptação ao mundo e às demais crianças, vivem continuamente preocupadas consigo mesmas e com a impressão que podem causar nos outros (Adler, 1927/1957, p. 77).

Essas crianças se sentem inaptas para as brincadeiras, o que as coloca numa situação de privação. Indo além, nem só as crianças com algum problema manifesto se sentiam diminuídas em relação ao ambiente de convívio. De maneira geral, elas sentem medo de serem alvo de zombarias, tanto por seus pares quanto pelos adultos. Quando se menospreza aquilo que a criança diz, principalmente por iniciativa dos adultos, ela “fica com a impressão de que não merece que a vejam, a ouçam, ou deve ser muito delicada, quietinha e outras coisas assim” (Adler, 1927/1957, p. 79). Dessa forma, “todo o começo da vida é marcado por um maior ou menor senso de inferioridade” (Adler, 1927/1957, p. 78).

A criança buscará metas para compensar o sentimento de inferioridade. Assim como pode acontecer uma compensação orgânica, a alma, “sob forte compressão do sentimento de inferioridade (...) tenta com todas as suas forças sobrepujar este ‘complexo de inferioridade’” (Adler, 1927/1957, p. 83). Essa luta pela compensação pode alcançar patamares patológicos, uma supercompensação, como atos megalomaniacos e, até mesmo, violentos (Adler, 1927/1957).

Retomando o texto fanoniano, ainda sobre o complexo, o autor indica que “numa obra que em que vínhamos trabalhando há algum tempo⁷ (...) mostraremos então que a história consiste na valorização sistemática dos complexos coletivos” (Fanon, 1951/2020a, p. 361). Logo após a menção aos complexos em Adler, Jung e Freud, ele oferece uma definição de psicanálise:

a pessoa deixa de ser um fenômeno a partir do momento em que encontra a face do outro. É o outro que me revela a mim mesmo. E a psicanálise, propondo-se reintegrar o indivíduo alienado ao seio do grupo, apresenta-se como a ciência do coletivo por excelência. O que implica dizer que a pessoa sã é uma pessoa social. O que implica dizer ainda que a medida da pessoa sã, psiquicamente, será sua mais ou menos perfeita integração ao *socius*⁸ (Fanon, 1951/2020a, pp. 315-316).

O conceito de *alienação* não é originário do vocabulário psicanalítico. Foi utilizado antes na psiquiatria por Pinel no século XVIII em detrimento da loucura; no direito como uma propriedade que é cedida, doada; e na filosofia, notadamente na política contratualista de Rousseau, na dialética hegeliana e no materialismo histórico-dialético de Marx (Poli, 2005). Em Freud, o termo *Entfremdung* tem dois sentidos principais: “afastamento/separação e ‘sensação de irreabilidade e estranheza’” (Hanns, 1996, p. 59). Mais especificamente, a alienação “evoca o processo de afastamento de materiais, instâncias ou conteúdo psíquicos, que posteriormente não são mais reconhecidos e causam estranheza ao sujeito” (Hanns, 1996, p. 53).

Jacques Lacan se apropria da alienação hegeliana para seu empreendimento de releitura da obra freudiana (Poli, 2005). Para ele, o Eu não se forma a partir do nascimento da criança, evento este que origina “uma insuficiente adaptação à ruptura das condições do ambiente e de nutrição que constituem o equilíbrio parasitário da vida intrauterina” (Lacan, 1938/2008, p. 23). O processo de individuação se inicia entre os 6 e os 24 meses de vida. Na gênese desse fenômeno, notamos a fundamental participação do ciúme,

⁷ Conforme indicação de Jean Khalifa, provável referência ao capítulo seis de *Pele negra*. Ver FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. (Obra original publicada em 1952).

⁸ Destaque do autor.

que “não representa uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (Lacan, 1938/2008, p. 28). Dito de outra forma, essa fase da vida é marcada pelo reconhecimento de um outro enquanto objeto. Essa identificação, “específica das condutas sociais (...) se funda num sentimento do outro, que só pode ser mal conhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente *imaginário*” (Lacan, 1938/2008, p. 29). Nesse período, “a imago [imagem] do outro está ligada à estrutura do corpo próprio, e mais especialmente de suas funções de relação, por uma certa similitude objetiva” (Lacan, 1938/2008, p. 30).

Conforme o psicanalista francês, a identificação, apesar ter sido definida pela psicanálise, é mal-empregada. Ele supre essa deficiência com “uma teoria da identificação, cujo momento genético¹⁰ designamos com o termo de estágio do espelho” (Lacan, 1938/2008, pp. 32-33). Em suas palavras,

o reconhecimento pelo sujeito de sua imagem no espelho é duplamente significativo: [ele] revela de maneira demonstrativa as tendências que constituem, então, a realidade do sujeito; a imagem especular (...) fornece um bom símbolo dessa realidade: de seu valor afetivo, ilusório como a imagem, e de sua estrutura, como ela reflete a forma humana (Lacan, 1938/2008, p. 33).

Esse reconhecimento se dá de maneira precária e, dessa forma,

o primeiro efeito que aparece da *imago*¹¹ [imagem] no ser humano é um efeito de *alienação*¹² do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio. Fenômeno que há de parecer menos surpreendente ao nos lembrarmos das condições fundamentais sociais do *Umwelt* [ambiente] humano - e ao evocarmos a intuição que domina toda a especulação de Hegel (Lacan, 1946/1998, p. 182).

Fanon aparenta empregar *aliené* no sentido de estranheza, alheamento, adotado por Freud, como nos apresenta Hanns (1996). No entanto, nosso autor supõe um núcleo social muito coeso, dotado de certa

⁹ Destaque do autor.

¹⁰ Genético aqui é utilizado no sentido de gênese, origem.

¹¹ Destaque do autor.

¹² Idem.

funcionalidade: na teoria freudiana vemos alguns elementos de organização social como o totem, o tabu e o enamoramento (Freud, 1913/2012b; Freud, 1921/2020a). Essa organização tende justamente a fracassar, se enfraquecer ou mesmo se destruir, seja pelos desejos subversivos da sexualidade, que acarretam no mal-estar entre a satisfação pulsional e a cultura (Freud, 1915/2020b; Freud, 1930/2020c), seja pelas manifestações da pulsão de morte como agressividade ou destruição (Freud, 1924/2017c).

Na referida passagem, Fanon parece ainda mais próximo da noção de *Gemeinschaftsgefühl* de Adler, termo que poderia ser vertido por sentimento de sociabilidade ou de comunidade (Leal & Antunes, 2015). Para o autor, “não podemos compreender a atividade psíquica sem ao mesmo tempo compreender estas relações sociais [da natureza e das instituições]” (Adler, 1927/1957, p. 37). O ser humano apresenta uma tendência que o impele a vida social, pois ele não conseguiria se proteger sozinho no ambiente. Numa perspectiva evolucionista, o humano demonstraria sentimentos de inferioridade e de insegurança, devido à essa fraqueza natural. Isso o motivaria a “um estímulo permanente para a descoberta de melhores meios e mais apurada técnica de adaptação à natureza” (Adler, 1927/1957, p. 40). É “graças à divisão do trabalho e à vida em comum que subordinam cada indivíduo ao grupo, a espécie humana pode sobreviver” (Adler, 1927/1957, p. 39).

Tendo em vista esse déficit orgânico, é necessário que o psiquismo desenvolva ferramentas de adaptação, ampliando as possibilidades de seguridade (Adler, 1927/1957). Assim,

como a vida social desempenhou papel essencial neste processo de adaptação, o órgão psíquico, desde o começo, deve levar em conta as condições da vida em comum. Todas as suas faculdades se desenvolvem numa base idêntica: a lógica da vida social (Adler, 1927/1957, p. 40).

Essas condições da vida em comum são o que propiciam os surgimentos dos afetos e das representações, como amor, a lealdade e a fraqueza (Adler, 1927/1957). Para ele, “os critérios com que podemos julgar um indivíduo são

determinados pelo valor do indivíduo para o gênero humano em geral” (Adler, 1927/1957, p. 42). Ainda, “um homem (...) que se desincumbe de todas as tarefas e vence todas as dificuldades que se lhe deparam de um modo útil à sociedade [é] um homem que desenvolveu em alto grau [o] sentimento de comunidade” (Adler, 1927/1957, pp. 42-43). Acreditamos que é sobretudo sobre essa acepção adleriana que Fanon se referia à saúde do indivíduo em relação à sua maior integração ao meio. Na *tese*, para o psiquiatra martinicano, “em última instância, um louco é uma pessoa que não encontra mais seu lugar entre as pessoas” (Fanon, 1951/2020a, p. 322).

Vejamos agora o caso clínico analisado por Fanon (1951/2020a). Trata-se de uma mulher, de 32 anos que apresentava “agitação, atitudes extáticas, elocuições sobre temas místicos ou eróticos” (Fanon, 1951/2020a, p. 343). Histórico pregresso de alterações psiquiátricas e neurológicas na família. A partir de 1950 se interessou por temas místicos e se submeteu a um exorcismo, mas não se sabe se tal ritual chegou a se efetivar. Na infância ela teve contato com uma anciã argelina que supostamente praticava feitiçaria.

Os distúrbios neurológicos se iniciaram aos 12 anos, enquanto os psiquiátricos nos anos 1950. Na época da internação no hospital de Lyon, ela apresentava alterações neurológicas que afetavam a motricidade, a fala, e a sensibilidade, principalmente. Quanto ao psiquismo, ela se dizia possuída pelo diabo, sendo em virtude disso que ela havia tido relações sexuais com uma menina aos 8 anos e com seu irmão aos 12. Relatava que a equipe do hospital sabia de seu passado e poderia intervir em seus pensamentos. Como as entrevistas aumentavam a produção delirante, elas foram interrompidas. Ela confessa ter mentido para os médicos sobre o demônio e inventado coisas. O diagnóstico feito por Fanon é de doença de Friedreich plena, com um comportamento delirante de cunho histérico. Assim, esse caso clínico de Fanon corrobora a sua hipótese de que não é possível prever de forma causal as alterações psíquicas nas afecções neurológicas. Além desse caso, ele relata outros quatro apresentados por neurologistas de renome, como Julio-Oscar Trelles, Paul Guiraud e Julian de Ajuriaguerra e Madeleine Derombies.

Aqui começam seus questionamentos mais doutrinários: “quais são os limites da neurologia e da psiquiatria? O que é um neurologista? O que é um psiquiatra? Nesse caso, o que se converte a neuropsiquiatria?” (Fanon, 1951/2020a, p. 348). Dessa forma, ele apresenta as posições de Henri Ey, Jacques Lacan e Kurt Goldstein para “facilitar um posicionamento teórico em relação ao objeto na neuropsiquiatria” (Fanon, 1951/2020a, p. 348).

Na seção sobre Lacan, duas de suas posições parecem importantes na construção da tese de Fanon, ecoando em *Pele negra* e também em sua obra dita psiquiátrica. A primeira é em relação à questão social da gênese da personalidade¹³. Lacan (1932/2011) evidencia a tensão das relações sociais no adoecimento psíquico, tendo como paradigma o caso Aimée. Ela realiza uma tentativa de assassinato de uma atriz, justamente alguém que a paciente de Lacan gostaria de ter se tornado, porém, contrariava seus posicionamentos morais (Lacan, 1932/2011). Nas palavras de Fanon,

falávamos a pouco da ênfase considerável que Lacan dava ao ponto de vista social. Ele o exprime, com efeito, nas três funções que reconhece na personalidade, sob os atributos da compreensibilidade do desenvolvimento, do idealismo da concepção de si mesmo, enfim, como a própria função da tensão social da personalidade, onde os dois primeiros atributos do fenômeno se engendram de fato (Fanon, 1951/2020a, p. 371).

A segunda, como nos informa Richards (2021), diz respeito às significações da loucura. O psicanalista compreendia que “a loucura é vivida no registro do sentido” (Lacan, 1946/1998, p. 166). Dessa forma, “o fenômeno da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem” (Lacan, 1946/1998, p. 166). Fanon se aproxima dessa posição ao afirmar que “devemos reconhecer que todo fenômeno delirante é, em última instância, um fenômeno manifesto, isto é, dito” (Fanon, 1951/2020a, p. 374). A causalidade da loucura estaria em sua relação com a liberdade, na medida em que “o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não

¹³ Em sua tese, Fanon usa entre aspas a expressão *constantes sociais da personalidade*, mas sem referi-las explicitamente à tese de Lacan.

trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade” (Lacan, 1946/1998, p. 177). A loucura, “longe de ser para a liberdade um ‘insulto’, ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra” (Lacan, 1946/1998, p. 177).

Fanon (1951/2020a) conclui que em relação à medicina psicossomática, doutrina de seu orientador, a psicanálise apresenta uma visão pessimista do homem. Ele reconhece que “os delírios sistematizados, as manifestações histéricas e os comportamentos neuróticos devem ser considerados condutas reacionais de um ego em ruptura de relações intersociais” (Fanon, 1951/2020a, p. 380). Por fim, expondo as relações entre neurologia e psiquiatria, ele colocou “em questão a hipótese do mecanismo ou do dinamismo na neurologia” (Fanon, 1951/2020a, p. 379).

Vimos como o autor lida com os conceitos de alienação e complexo na tese. Veremos agora como ele as desenvolve em *Pele negra*.

2. PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS: UMA RECEPÇÃO PARTICULAR DA PSICANÁLISE

Algo notável da passagem da *tese de exercício* para *Pele negra* é a diferença do estilo e da linguagem adotadas por Fanon. Na *tese* o autor pede desculpas pela aproximação entre as doutrinas de Monakow e Bergson, além de se lamentar por não se estender às considerações de Lacan (1946/1998) sobre a linguagem, para não se distanciar demasiadamente do propósito de seu trabalho (Fanon 1951/2020a). No texto de 1952 a situação é completamente diferente, e o autor inicia o livro justamente sobre um capítulo envolvendo a linguagem. Ele goza aqui de notória liberdade estilística e teórica. Esse ensaio é marcado por frases impactantes que apesar de o exporem “ao ressentimento de meus irmãos de cor” (Fanon, 1952/2020b, p. 22), são sustentadas de maneira eloquente e até poética.

Retomando sua proposta de investigação multidisciplinar do homem (Fanon, 1951/2020a), aqui o autor trata da realidade da sociedade colonial, especialmente no que concerne às Antilhas. Assim, ela [a realidade colonial] “ao menos desta vez, exige uma compreensão total. Uma solução deve ser

apresentada tanto no nível objetivo quanto no subjetivo” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Ele reconhece o caráter hercúleo de seu trabalho: “uma tarefa colossal o inventário do real. Acumulamos fatos, comentamos sobre eles, mas a cada linha escrita, a cada frase enunciada, temos a impressão de incompletude” (Fanon, 1952/2020b, pp. 184-185). O psiquiatra não se precipita com verdades categóricas, pois sabe que “uma só resposta e o problema negro seria despojado de sua gravidade (Fanon, 1952/2020b, p. 22).

Rumo à problemática desse trabalho, em *Pele negra* o autor fornece elementos tanto de distanciamento quanto de aproximação da psicanálise. Ele não esconde sua frustração ao discutir com professores ou mesmo ao conversar com sujeitos europeus adoecidos e constatar “a inadequação entre os esquemas correspondentes e a realidade que o negro nos apresenta” (Fanon, 1952/2020b, p. 166). Desconfia da aplicação desses esquemas, pois, “nem Freud, nem Adler, nem mesmo o cósmico Jung contemplaram os negros no decorrer de suas pesquisas” (Fanon, 1952/2020b, p. 166). Ele ainda se indaga “em que medida as conclusões de Freud ou Adler podem ser empregadas numa tentativa de explicar a visão de mundo do homem de cor” (Fanon, 1952/2020b, p. 157). Em contrapartida, caso o debate da situação colonial “não for capaz de se abrir para o plano filosófico, isto é, o requisito fundante da realidade humana, consinto em levá-lo ao da psicanálise” (Fanon, 1952/2020b, p. 37). Não obstante, “um estudo rigoroso deveria proceder da seguinte forma: interpretação psicanalítica da experiência vivida do negro; uma interpretação psicanalítica do mito negro” (Fanon, 1952/2020b, p. 166). Para o autor,

em reação à tendência constitucionalizante da final do século XIX, Freud, por meio da psicanálise, exigiu que se levasse em conta o fator individual. Ele substitui uma tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia (Fanon, 1952/2020b, p. 25).

A ontogênese é a repetição da filogênese “na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. A disposição filogenética se

faz notar por trás do evento ontogenético. A disposição é justamente o precipitado de uma vivência mais antiga da espécie” (Freud, 1905/2016, p. 15). Para Freud, no decorrer da neurose, os fatores acidentais ultrapassam os constitucionais. Em outras palavras, “o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético” (Freud, 1905/2016, p. 15).

A sociogênese fanoniana aparenta retomar uma discussão do final da seção *O tabu e a ambivalência* dos sentimentos em *Totem e tabu* sobre neurose e cultura. Tendo em vista o nexos entre tabu e neurose obsessiva, é viável “imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais, e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural” (Freud, 1913/2012, p. 119). As neuroses são associais, em virtude da primazia pulsional, pois “procuram obter, por meios privados, o que na sociedade surgiu mediante o trabalho coletivo” (Freud, 1913/2012, p. 120). Dessa forma, “a natureza associal da neurose resulta de sua tendência original de escapar de uma realidade insatisfatória” (Freud, 1913/2012, p. 120).

Sobre a questão da neurose cultural, em *O mal-estar na cultura*, o psicanalista suscita novamente a discussão: “se o desenvolvimento da cultura tem uma semelhança tão ampla com o desenvolvimento do indivíduo e trabalha com os mesmos meios, não seria justificado que muitas culturas (...) teriam se tornado ‘neuróticas’ sob a influência dos anseios culturais?” (Freud, 1930/2020c, p. 403). O autor não sabe dizer se “uma tentativa como esta de transferir a Psicanálise à comunidade de cultura seria insensata ou condenada à esterilidade” (Freud, 1930/2020c, p. 403). Ele finaliza a problemática sinalizando que esse movimento requer cautela, mas que “estamos no direito de esperar que um dia alguém assuma o desafio de uma Patologia de tais comunidades culturais” (Freud, 1930/2020c, pp. 403-404).

Acreditamos que Fanon assume esse desafio ao encarar o racismo como um problema cultural¹⁴ (Fanon, 1952/2020b). Para ele é justamente pelo fato de a neurose apresentar uma natureza social que ela também é o resultado de

¹⁴ Ver FANON, Frantz. “Racismo e cultura”. In: FANON, Frantz. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, pp. 69-86. (Obra original publicada em 1956).

uma tendência a escapar da realidade insatisfatória. Reconhece que a “estrutura neurótica de um indivíduo será justamente a elaboração, a formação, a eclosão no ego de nós conflituais oriundos, por um lado, do meio e, por outro, da forma puramente pessoal como esse indivíduo reage a essas tendências” (Fanon, 1952/2020b, p. 95). Mas, destaca justamente o impacto do meio ao afirmar: “qualquer neurose, qualquer comportamento anormal, qualquer eretismo afetivo em um antilhano são decorrentes da situação cultural” (Fanon, 1952/2020b, p. 167). A neurose em Fanon não constitui a realidade humana, ela é, na verdade, um desdobramento da sociedade colonial. Em suas palavras, “a sociedade antilhana é uma sociedade nervosa [neurótica] (...). Portanto, passamos do indivíduo à estrutura social. Se há um vício, ele não reside na ‘alma’ do indivíduo, e sim em seu meio” (FANON, 1952/2020b, pp. 223-224). Pelo exposto, a partir da hipótese sociogenética, a neurose em Fanon não se evidencia apenas no indivíduo, mas também no âmbito social.

Se a própria estrutura social também é neurótica, torna-se necessário reavaliar os pilares que, para a psicanálise clássica, estruturam a realidade e a própria neurose. Sobre a constituição da realidade humana, há um afastamento de Fanon em relação a Lacan (1946/1998) no que concerne ao papel do Édipo nessa construção. Para ele, “o complexo de Édipo revela-se [capaz] (...) de constituir normalmente o sentimento de realidade” (Lacan, 1946/1998, p. 183). Já para Fanon,

queira-se ou não, o complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros. Poderiam objetar, com Malinowski, que o regime matriarcal é o único responsável por essa ausência. Mas, além de nos perguntarmos se os etnólogos, imbuídos dos complexos de sua civilização, afinal não se esforçaram para encontrar a cópia destes nos povos por eles estudados, seria relativamente fácil para nós demonstrar que, nas Antilhas francesas, 97% das famílias são incapazes de gerar uma neurose edipiana (Fanon, 1952/2020b, p. 167).

Aceitando a estatística fanoniana como recurso retórico, ele indica rejeitar o Édipo tanto em sua dimensão cultural quanto constitutiva (Estevão, 2017). Nos capítulos de *Pele negra sobre o relacionamento inter-racial* de

negras e negros, Fanon (1952/2020b) destaca o amor da romancista Mayotte Capécia pela pele branca da avó, que dá asas para a sua própria fantasia brancura; e o ódio do personagem Jean Veneuse pelo abandono de sua família, fazendo com que ele seja um estranho familiar no reencontro com seus conterrâneos. As primeiras experiências do complexo familiar são marcantes na capacidade de “compreender e amar” (Fanon, 1952/2020b, p. 21) desses personagens. Fanon nos fornece elementos para articular uma teoria não edipiana do amor, mas que não descarte a importância da experiência das primeiras relações afetivas. O domínio sobre “a avidez e a ambivalência” (Lacan, 1946/1998, p. 183) desses primeiros afetos, portanto, pode não se circunscrever à função edípica clássica da psicanálise¹⁵.

Embora *Pele negra* seja um estudo psicológico e, de fato, Fanon se dedica à alienação colonial, notadamente do negro, ele “não deixa de contemplar alguns elementos que engendraram efeitos relacionados a outras ciências” (Fanon, 1952/2020b, p. 63). Ao pensar a alienação do estágio do espelho (Lacan, 1938/2008) como mecanismo de constituição subjetiva colonial, vemos que

o verdadeiro Outrem do branco é e continua sendo o negro. E vice-versa. Só que, para o branco, o Outrem é percebido no plano da imagem corporal, exatamente como o não eu, quer dizer, o não identificável, o não assimilável. Para o negro, mostramos que as realidades históricas e econômicas eram levadas em conta (Fanon, 1952/2020b, pp. 174-175).

Mas, afinal, o que exatamente aliena os antilhanos e a sociedade colonial? A resposta estaria em um mito social: “o mito negro, a ideia do negro, é capaz de determinar uma autêntica alienação” (Fanon, 1952/2020b,

¹⁵ A problemática do Édipo em Fanon é complexa. Fanon (1959/2011) relata a organização familiar argelina antes da luta de libertação: “uma análise profunda mostra que o pai vê a mulher na filha. Inversamente, a filha vê o homem no pai. A interdição é tamanha que as proibições são, nesse ponto, inscritas no centro da personalidade, onde a presença simultânea é insuportável. Essas condutas não existem sem evocar, como vemos, os ritos utilizados em certos grupos para evitar a angústia que acompanha as pulsões incestuosas inconscientes” (Fanon, 1959/2011, p. 340). Nosso autor, contudo, não menciona o complexo de Édipo nessa passagem, restando inconclusa a questão de ser ou não ser uma estrutura edípica. Ver FANON, Frantz. “L’an V de la révolution algérienne”. In : FANON, Frantz. *Œuvres*. Paris: La Découverte, 2011, pp. 261-420. (Obra original publicada em 1959).

p. 213). O mito orienta as relações em sociedade, contudo, o mito negro é aquele em que esses sujeitos são vistos como máquinas sexuais insaciáveis, naturalmente selvagens, inferiores. É a partir desse mito alienante que “o negro é um homem negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). A desalienação parte de uma recusa da situação colonial, “na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar” (Fanon, 1952/2020b, p. 26). Portanto, a “verdadeira desalienação (...) requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 25).

Essas aberrações afetivas são responsáveis pelos complexos psicoexistenciais da situação colonial, onde “apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra” poderia revelá-los (Fanon, 1952/2020b, p. 24). Inspirando-se no teste de associação de palavras de Jung (1933/1962), ele entrevistou cerca de 500 europeus, cujo complexo em torno do significante negro era composto de “biológico, sexo, forte, atlético, potente, (...), selvagem, animal, diabo, pecado” (Fanon, 1952/2020b, p. 179). Além do psiquiatra suíço, Fanon se aproxima de Lacan quando este afirma que “o complexo seja dominado por fatores culturais” (Lacan, 1938/2008, p. 16). Conforme o psicanalista francês,

o que define o complexo é que ele reproduz uma certa realidade do meio ambiente, e duplamente: sua forma representa essa realidade no que ela tem de objetivamente distinta numa certa etapa do desenvolvimento psíquico; sua atividade repete na vivência a realidade assim fixada, cada vez que se reproduzem certas experiências que exigiriam uma objetivação superior dessa realidade (Lacan, 1938/2008, p. 16).

Já o complexo de inferioridade para Fanon é o resultado de “um duplo processo: econômico, em primeiro lugar; e, em seguida, por interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Os antilhanos são indivíduos de comparação, o que significa que eles “não possuem valor próprio, são sempre tributários do aparecimento do Outro” (Fanon, 1952/2020b, p. 221). Dessa forma, “o negro tenta protestar contra a

inferioridade que historicamente sente. Como o negro sempre foi um inferior, ele tenta reagir a isso por meio de um complexo de superioridade” (Fanon, 1952/2020b, p. 224). A diferença entre a posição de Fanon e a de Adler se dá na medida em que “a comparação adleriana comporta dois termos; ela é polarizada pelo ego. A comparação antilhana é encabeçada por um terceiro termo: nela, a ficção dirigente não é pessoal, mas social” (Fanon, 1952/2020b, p. 226).

Apesar da ênfase dada à dimensão inconsciente do complexo na doutrina psicanalítica, para ele,

como o drama racial tem um lugar a céu aberto, o negro não tem tempo de ‘inconscientizar’. O branco, por outro lado, em certa medida consegue fazê-lo; (...). O complexo de superioridade dos negros [reação de compensação], seu complexo de inferioridade [em relação ao branco] (...) são *conscientes*¹⁶. A todo o momento, eles os transpõem. Eles vivem o seu drama (Fanon, 1952/2020b, pp. 165-166)

Fanon (1952/2020b) diz que *Pele negra* é um estudo clínico. Qual é o papel do analista na sociedade colonizada? Para ele, “como psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais buscar uma lactificação¹⁷ alucinatória, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 114). Em outras palavras,

meu objetivo [como analista] será, uma vez elucidados os motivos [do desejo de embranquecer], colocá-lo [o cliente] em condições de *escolher*¹⁸ a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual - isto é, diante das estruturas sociais (Fanon, 1952/2020b, p. 114).

Essa direção clínica indaga uma questão para a psicanálise: o que faz um analista quando o sofrimento apresentado diz respeito não só à um indivíduo e sua dinâmica familiar, mas a toda uma coletividade¹⁹? Nota-se que

¹⁶ Destaque do autor.

¹⁷ Esbranquecimento.

¹⁸ Destaque do autor.

¹⁹ Essa questão assume sua radicalidade em sua carta de demissão do posto de médico-chefe do Hospital Blida-Joinville. Ver FANON, Frantz. “Carta ao ministro residente”. In: FANON, Frantz. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, pp. 92-98. (Obra

Fanon aponta não só para uma retificação subjetiva do paciente, no domínio estrito da clínica, mas para um efetivo rearranjo da situação social, uma transformação concreta da realidade, que se furte ao dualismo entre embranquecer-se ou desaparecer, que mire uma outra forma de existência (Fanon, 1952/2020b). A sociogenia não só fornece elementos de constituição subjetiva, mas se mostra também como uma direção de tratamento, uma orientação para a superação da alienação e dos complexos coloniais.

Concordamos com Gordon (2015) que o desejo de transformação da sociedade já aparece nesse texto de 1952. A reestruturação do mundo visa demolir, portanto, a seguinte situação: por parte dos brancos, seu sentimento de superioridade; e por parte dos negros, o desejo de “demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seu pensamento, o poderio equiparável de sua mente” (Fanon, 1952/2020b, p. 24), ou seja, “libertar o homem de cor de si mesmo” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). A desalienação não diz respeito apenas aos sujeitos negros, uma vez que “na verdade o que é necessário é libertar o homem” (Fanon, 1952/2020b, p. 23).

Fanon toma a *alienação* e o *complexo* não apenas em suas dimensões intrapsíquicas, mas também extrapsíquicas, tornando-os conceitos fronteiriços. O autor, além da perspectiva filo-ontogenética, submete esses conceitos à própria sociogenia.

3. A PSICANÁLISE DEPOIS DE FANON

Frantz Fanon é, sem sombra de dúvida um dos autores do século XX fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo. Assim como Freud, ele foi um intelectual que a partir da clínica, pensou a cultura. Contudo, se Freud e a seara psicanalítica conseguiram teorizar tão profundamente sobre o mal-estar da cultura, nos questionamos o que ainda impede a psicanálise de agir politicamente a partir do inconsciente, no sentido não só de uma outra relação com o desejo, mas também de agir sobre o próprio mal-estar na cultura?

original publicada em 1956).

Longe de ser um *Lacan noir* [Lacan negro] (Gates Jr, 1991), o psiquiatra utiliza a psicanálise sobretudo como uma ferramenta para a compreensão dos fenômenos do racismo e do colonialismo, derivando-a de sua origem para seus próprios interesses. Em outras palavras, Fanon aponta um lugar privilegiado para a psicanálise, clínica e teoricamente: ferramenta de desvelamento das opressões coloniais (Araújo, 2022). Ao elucidar os desejos numa sociedade colonizada, a psicanálise incorpora-se a um projeto político mais amplo, de transformação do mundo. Portanto, Fanon “encara a política como uma forma da clínica e a clínica como uma forma da política” (Mbembe, 2013/2018, p. 283).

O recurso às principais referências psicanalíticas utilizadas por ele se mostrou importante para podermos traçar seu percurso intelectual. Freud, Adler, Jung e Lacan destacam-se tanto para a construção de *Pele negra* como para os ecos desse trabalho no pensamento de Fanon. Se é possível ler Freud como uma máquina de guerra (Iannini, 2021), não por acaso Fanon resgata a problemática dos complexos ao tratar da violência colonial, onde ela é justamente um dos mecanismos possíveis para a destruição do complexo de inferioridade (Fanon, 1961/2005). O que une a clínica e a política em Fanon é o “projeto de elevação coletiva em humanidade” (Mbembe, 2013/2018, p. 218), que se constrói a partir da violência. Ela possui uma dimensão clínica, pois “livra o colonizado do seu complexo de inferioridade (...). Ela o torna intrépido, reabilita-o aos seus próprios olhos” (Fanon, 1961/2005, p. 112). A violência do colonizado é uma “recusa violenta de uma violência imposta” (Mbembe, 2013/2018, p. 288), que produz vida. Já em relação à alienação, em um trabalho supostamente psiquiátrico, veremos como sua dimensão social se associa à questão da loucura na sociedade magrebina (Fanon & Sanchez, 1956/2020). Ao se debruçar sobre o problema da loucura nessa região, o autor visa compreender suas formas de apresentação, sobretudo através da linguagem. Só assim é possível traçar estratégias terapêuticas efetivas, individuais e grupais.

A justiça social não é algo alheio ao movimento psicanalítico (Danto, 2005). No V Congresso Internacional de Psicanálise, na cidade de Budapeste,

Freud (1919/2017d) nos alertava que a neurose era tão ameaçadora quanto a tuberculose e, nesse sentido, mereceria um programa de atenção massificada do Estado. Diversos analistas se organizaram com o intuito de construir clínicas públicas em várias cidades europeias, como Londres, Paris e Berlim, além de Viena, difundindo o tratamento especialmente para aquelas e aqueles que tradicionalmente não poderiam arcar com uma análise (Danto, 2005).

Portanto, há algo de saudável ou normal numa

conduta que reúna determinados traços de ambas as reações [neurose e psicose]: que recuse tão pouco a realidade como a neurose, mas que se esforce, como na psicose, para modificá-la. Essa conduta adequada e normal leva, naturalmente, a um esforço de trabalho no mundo externo (...) (Freud, 1924/2017f, p. 282, destaque nosso).

É precisamente essa modificação, esse trabalho no mundo externo que Fanon eleva à máxima potência. Poderíamos dizer que em Fanon (1952/2020b) vemos um quarto tempo da análise, o de *transformar*, além da tríade freudiana do recordar, do repetir e do perlaborar (Freud, 1914/2017e). Esse tempo de transformar toca diretamente no papel do analista e nos objetivos de uma análise. Tendo em vista que a superação da situação colonial requer uma ação individual e coletiva (Fanon, 1952/2020b), *o que definiria uma clínica psicanalítica contra o colonialismo e antirracista?* A partir do que é fornecido em *Pele negra*, no exercício dessa clínica, uma dupla direção deve ser levada em sua radicalidade: *a clínica como operador político e o político como operador da clínica*.

REFERÊNCIAS

ADLER, Alfred. **A ciência da natureza humana** 4ªed. Biblioteca do Espírito Moderno. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. (Obra original publicada em 1927).

ARAÚJO, Guilbert. **Profilaxia da alienação colonial: topografia do pensamento de Frantz Fanon.** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2025.

BHABHA, Homi. “Interrogating identity: Frantz Fanon and the postcolonial prerogative”. In: BHABHA, Homi. **The location of culture.** Londres: Routledge, 1994.

BULHAN, Hussein. **Frantz Fanon and the psychology of oppression.** Nova Iorque: Plenum Publishing Corporation, 1985.

DANTO, Elizabeth. **Freud’s Free Clinics: psychoanalysis and social justice (1918/1938).** Nova Iorque: Columbia University Press, 2005.

ESTEVÃO, Ivan. **A teoria freudiana do complexo de Édipo** 1ªed. Coleção Margens: psicanálise, cultura e política. São Paulo: Escuta, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Coleção Cultura. Tradução de Enilce Albergara Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005. (Obra original publicada em 1961).

FANON, Frantz. “L’an V de la révolution algérienne”. In : FANON, Frantz. **Œuvres.** Paris: La Découverte, 2011, pp. 261-420. (Obra original publicada em 1959).

FANON, Frantz. “Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na hereditária degeneração espinocerebelar”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos.** Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020a, pp. 295-384. (Obra original publicada em 1951).



FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020b. (Obra original publicada em 1952).

FANON, Frantz. “Condutas confessionais na África do Norte (2)”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020c, pp. 241-244. (Obra original publicada em 1955).

FANON, Frantz. “A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (1)”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020d, pp. 61-84. (Obra original publicada em 1959).

FANON, Frantz. “Encontro entre a sociedade e a psiquiatria”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020e, pp. 268-294. (Obra original publicada em 1984).

FANON, Frantz. “A ‘síndrome norte-africana’”. In: FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: escritos políticos 1ª ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a, pp. 37-53. (Obra original publicada em 1952).

FANON, Frantz. “Antilhanos e africanos”. In: FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: textos políticos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b, pp. 54-68 (Obra original publicada em 1955).

FANON, Frantz. “Racismo e cultura”. In: FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: textos políticos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021c, pp. 69-86. (Obra original publicada em 1956).

FANON, Frantz. & ASSELAH, Slimane. “O fenômeno da agitação no meio psiquiátrico: considerações gerais, significação psiquiátrica”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos.

Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020. (Obra original publicada em 1957).

FANON, Frantz. & GEROMINI, Charles. “O TAT em mulheres muçulmanas: sociologia da percepção e da imaginação”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020a, pp. 251-260. (Obra original publicada em 1956).

FANON, Frantz. & GEROMINI, Charles. “A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (2)”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora, 2020b. (Obra original publicada em 1959).

FANON, Frantz. & SANCHEZ, François. “Atitude do muçulmano magrebino diante da loucura”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020. (Obra original publicada em 1956).

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FAUSTINO, Deivison. **A disputa em torno de Frantz Fanon: A Teoria e a Política dos Fanonismos Contemporâneos**. São Paulo: Intermeios, 2020.

FREUD, Sigmund. “Contribuição à história do pensamento psicanalítico”. In: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)** vol. 11. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a, pp. 245-327. (Obra original publicada em 1914).

FREUD, Sigmund. “Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos”. In: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-**

1914) vol. 11. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b, pp. 13-244. (Obra original publicada em 1913).

FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)** vol. 6. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 13-172. (Obra original publicada em 1905).

FREUD, Sigmund. “‘Bate-se numa criança’: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais”. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017ª, pp. 123-156. (Obra original publicada em 1919).

FREUD, Sigmund. “O declínio do complexo de Édipo”. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017b, pp. 259-270. (Obra original publicada em 1924).

FREUD, Sigmund. “O problema econômico do masoquismo”. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017c, pp. 287-304. (Obra original publicada em 1924).

FREUD, Sigmund. “Caminhos da terapia analítica”. In: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017d, pp. 191-204. (Obra original publicada em 1919).

FREUD, Sigmund. “Lembrar, repetir e perlaborar”. In: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica** 1ªed. Tradução de Claudia Dornbusch.

Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2017e, pp. 151-165. (Obra original publicada em 1914).

FREUD, Sigmund. “A perda da realidade na neurose e na psicose”. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1924).

FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do Eu”. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020a, pp. 137-232. (Obra original publicada em 1921).

FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020b, pp. 99-136. (Obra original publicada em 1921).

FREUD, Sigmund. “O mal-estar na cultura”. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos** 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020c, pp. 305-410. (Obra original publicada em 1921).

FREUD, Sigmund. & BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1893-1985) vol. 2. 1ª ed. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obra original publicada em 1895).

GATES Jr, Henry. Critical Fanonism. **Critical Inquiry**, 17, 1991. pp. 457-480.

GORDON, Lewis. **What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought**. Nova Iorque: Fordham University Press, 2015.

GREEDHARRY, Mrinalini. “The Fanonian Psychoanalytic”. In: GREEDHARRY, Mrinalini. **Postcolonial Theory and Psychoanalysis: From uneasy engagements to effective critique**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2008, pp. 15-43.

GUÉX, Germaine. **The abandonment neurosis**. Tradução de Peter D. Douglas. Londres: Karnac Books Ltda, 2015. (Obra original publicada em 1950).

HALL, Stuart. “The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks?” In: READ, Alan (Org). **The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations**. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts, 1996, pp. 12-37.

HANNS, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Série Analytica. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

IANNINI, Gilson. **Psicanálise no século XXI - Christian Dunker e Gilson Iannini**. YouTube, 8 de fevereiro de 2021. 2h1min19s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=06mCca7AOIY>. Acesso em 10 nov. 2025.

JUNG, Carl. **L’Homme à la découverte de son âme: structure et fonctionnement de l’inconscient** 6ª ed. CAHEN, Roland (Org). Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1962. (Obra original publicada em 1933).

JUNG, Carl. (2013). “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos”. In: JUNG, Carl. **A natureza da psique** vol. 8/2. 10ª ed. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, pp. 39-52. (Obra original publicada em 1934).

KHALFA, Jean. (2020). “Fanon, psiquiatra revolucionário”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de

Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020, pp. 21-60. (Obra original publicada em 2015).

LACAN, Jacques. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica In Lacan, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1946).

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Tradução de Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1938).

LACAN, Jacques. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**; seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia 2ªed. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Obra original publicada em 1932).

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand. “COMPLEXO”. In: LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise** 4ªed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 70-72. (Obra original publicada em 1967).

LEAL, Daniela. & ANTUNES, Mitsuko. **Compensação e deficiência no pensamento de Alfred Adler (1870-1937)**. Memorandum, 29, 2015. pp. 13-33.

MANNONI, Octave. (2022). **Psychologie de la colonisation**. 4ªed. Paris: Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1950).

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra** 3ªed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. (Obra original publicada em 2013).

PERRONE, Maria. **Complexo**: conceito fundante da construção da psicologia de Carl Gustav Jung. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2008.

POLI, Maria. “‘Alienação’ na psicanálise: a pré-história de um conceito”. *Psychê*, vol.9, nº16, 2005. pp. 133-152.

RABAKA, Reiland. “Antiracist Fanonism”. In: RABAKA, Reiland. (Org). **Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2010, pp. 49-95.

RAZANAJAO, Claudine. & POSTEL, Jacques. **La vie et l’œuvre psychiatrique de Frantz Fanon**. Sud/Nord, n. 22, 2007. pp. 147-174. (Obra original publicada em 1975).

RICHARDS, Sinan. **The Logician of Madness: Fanon’s Lacan**. Paragraph, n. 44, vol. 2, 2021. pp. 214-237.

ROUDINESCO, Élisabeth. & PLON, Michel. “Frantz Fanon”. In: ROUDINESCO, Élisabeth. & PLON, Michel. (Orgs). **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 222-223. (Obra original publicada em 1997).

SEKYI-OTU, Ato. **Fanon’s dialectic of experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

TOSQUELLES, François. & FANON, Frantz. “Indicações da terapêutica de Bini no quadro das terapêuticas institucionais”. In: KHALFA, Jean. & YOUNG, Robert. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020, pp. 109-117. (Obra original publicada em 1953).